

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão  
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Dos nossos presados colegas «Ecos de Belém» e «A Voz de Alcântara» recebemos, em 12 do corrente, a seguinte correspondência:

Telegrama: — «O Comércio da Ajuda», Lisboa. «Ecos de Belém» felicita seu presado colega pelo seu primeiro aniversário.»

Ofício: — «Director do jornal «O Comércio da Ajuda», Lisboa. Em meu nome pessoal e no de todos os obreiros do jornal «A Voz de Alcântara», saúdo V. Ex.ª, corpo redactorial e muito em particular os srs. António Aço e Silva Coelho, pelo aniversário do jornal de que V. Ex.ª é director. António Cabral Rocha, director do jornal «A Voz de Alcântara.»

Também do nosso amigo sr. Victor Costa recebemos uma amavel carta de felicitações.

Muito sinceramente agradecemos tão grandes provas de consideração.

São gerais e bem justas as palavras de censura que temos ouvido acerca do procedimento dos nossos illustres camaradas de imprensa que presentemente exercem funções de mando no Sindicato da Imprensa Portuguesa.

Depois de publicada na imprensa, uma convocação de assembleia geral para o dia 10 do corrente, fomos em 9 informados pelo telefone e por um empregado do mesmo Sindicato, que a referida convocação foi feita ilegalmente, pelo que ficou sem efeito.

Ora isto assim não pode continuar.

A chamada «pequena imprensa» não pode nem deve estar à mercê de um ou outro individuo «birrento», sendo necessário que, de uma vez para sempre, se extremem os campos.

O que se passa presentemente no Sindicato da Imprensa Portuguesa, não é sório, não é correcto, não é digno e... não pode continuar.

As instancias do nosso jornal, as Companhias Reunidas Gaz e Electricidade mandaram proceder ao necessário estudo para a instalação electrica na Cruz das Oliveiras.

Falta agora que a Camara Municipal sancione e advogue a nossa causa, que é justissima.

## O cumprimento do programa

Justo é que no primeiro numero do segundo ano do nosso jornal, se diga aos habituaes leitores o que se fez, o que se pensa fazer e porque se fundou «O Comércio da Ajuda».

A determinante deste nosso modo de ver, vem do convencimento em que estamos de que nem todos os habitantes da freguesia, compreenderam o nosso programa que é a explanação do nosso ideal.

Nascidos e vivendo numa época de violenta e activa luta pela vida, reconheceram ha muito os homens que a «O Comércio da Ajuda» dão o seu esforço, a necessidade de se coligarem para defenderem melhor os interesses da sociedade em que vivem, e para esse fim abateram as bandeiras filosoficas-politicas-religiosas que empunhavam, visto que só assim poderiam trabalhar em comum, não querendo com esse procedimento dizer que abdicaram dos seus principios.

Eles reconheceram que da união nasce a fôrça, e só essa fôrça «Direito á Vida», os obrigou tacitamente a aceitarem o programa traçado no primeiro numero deste jornal.

Que o programa foi cumprido durante o primeiro ano de existencia, está a atestá-lo o que se escreveu nos vinte e cinco numeros que antecederam este.

Que o programa será cumprido enquanto existir o jornal, basta a certeza de continuarem a colaborar nêle os homens que o fizeram e acompanharam durante o primeiro ano de existencia.

Nos vinte e cinco numeros publicados jámais se agravou alguém, ideias ou principios, tendo-se sempre cortez mas altivamente dito a verdade. Reclamou-se e reclamar-se-há sempre aquilo a que julgamos terem direito os habitantes de uma das mais populosas e ordeiras freguesias do País sem ser necessário recorrer a insulto, e, se alguma vez os nossos escritos parecerem de destruição, tenham os leitores a certeza de que os homens que aqui trabalham, só preconizam a destruição de qualquer coisa, quando essa coisa é prejudicial aos interesses geraes e quando ela seja atentoria do bem estar colectivo.

Não atacamos nem tentamos derrubar sem estarmos convencidos de que o que se pretende substituir, prejudica e deve ser substituído por melhor.

Só nos anima o pensamento de podermos com o nosso modesto trabalho ser util á sociedade, bastando-nos a certeza do cumprimento do nosso dever humano que é «auxiliar o nosso semelhante a viver».

Julgamos com as palavras acima escritas, explicada sufficientemente a atitude e procedimento passados e futuros.

Da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Ajuda, recebemos o seguinte officio, que muito reconhecidamente agradecemos.

«Ex.ª Sr. Director do jornal «O Comércio da Ajuda», Calçada da Ajuda, 176, Lisboa. Encarrega-me esta Comissão Administrativa de agradecer os exemplares do jornal da proficiente direcção de V. Ex.ª, «O Comércio da Ajuda», que lhe têm sido remetidos, bem como o subido interesse com que o mesmo jornal se tem occupado do saneamento da freguesia. Com os melhores votos de Saude e Fraternidade, Lisboa e Sede da Junta de Freguesia da Ajuda, aos 25 de Agosto de 1932. Pela Com. Administrativa, O vogal-secretario, F. Assis Lamas Moreira.»

Embora reconhecamos que nada fizemos que mereça agradecimentos, registamos com muito prazer as palavras da Ex.ª Junta de Freguesia, e muito sinceramente desejamos que as nossas intenções sejam sempre devidamente comprehendidas.

Da nova Direcção do Club de Football «Os Belenenses» recebemos um amavel officio comunicando a sua posse, e saudando o nosso jornal. Verdaderamente gratos por essa gentileza, apresentamos aos novos corpos gerentes de «Os Belenenses» as nossas saudações, desejando-lhes todas as facilidades nos seus cargos, ao mesmo tempo que reiteramos o oferecimento das colunas do nosso jornal para tudo que julgarem necessário para o desenvolvimento do desporto em Portugal.

O presente numero de «O Comércio da Ajuda» commemora a passagem do seu 1.º aniversario.

Por esse motivo publicamos imodestamente alguns artigos que amaveis e distintos colaboradores nos enviaram, o que relegou para o próximo numero bastante original focando os interesses vitais da nossa freguesia, e os habituaes artigos dos nossos distintos e queridos colaboradores srs. Alfredo Gammeiro e Agostinho António, a quem apresentamos os nossos pedidos de desculpa.

## A Favorita da Ajuda

DE

### ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

## LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

## UM ANO DE TRABALHO

Completa o modesto quinzenário «O Comércio da Ajuda», no presente número, um ano de existência; e nêsse ano, pela sua boa vontade e ardor em defender os interesses desta velha freguesia, onde vivo ha já um bom par de anos, bem merece, pelo motivo do seu aniversário, as minhas felicitações e sinceros votos de longa existência.

Não soudo jornalista, conheço, embora, as dificuldades de várias ordens que aguardam sempre todas as publicações periódicas daquela natureza, em que esforços dedicados não são sempre bem compreendidos e ainda, quantas vezes, maisinados!

Por este motivo, muito é para admirar e agradecer o trabalho verdadeiramente útil que o «Comércio da Ajuda» vem prestando a esta freguesia, esquecida, quasi se pode dizer, da Camara e do Governo, sobre o ponto de vista de melhoramentos, e apenas enfileirando com as retras para as contribuições.

Não há lugar para rivalidades, ou susceptibilidades, resultantes a maior parte das vezes de mal entendidos; todos os paroquianos devem desejar o engrandecimento da sua freguesia — que, se possível, seja a primeira entre todas.

Pois bem, a Ajuda embora seja uma freguesia secular, com tradições, uma bela situação topografica, com o primeiro palacio real do país, e belos ares, tendo feito parte do antigo con-

celho de Belem, desde 1852 a 1885, tem sido pouco menos de abandonada pelos poderes publicos, e muito aqui há a fazer.

E' pensar que não é abastecida de agua pela Companhia, e que nesta quadra, os seus habitantes perdem horas e horas, em longas bichas nos chafarizes, e quando não aquêles, em tórno dêstes, serpenteiam longas fiadas de vasilhas aguardando a vez numa bica onde corre um tenuissimo fio de agua! E que por vezes choga a secar de todo, ninguém sabendo para onde se meteu a famosa linfa...

E' pensar que em toda a sua area não há um unico jardim público para recreio dos seus habitantes! E quanto mais aqui falta a que tem direito como freguesia desta nobre e linda cidade de Lisboa!

Pois só com a união de todos os seus paroquianos, cada um por si, e cada um por todos, se poderá alcançar o que de todos é aspiração comum.

E «O Comércio da Ajuda» devendo ser o porta-voz dos paroquianos, com o auxilio e boa vontade de todos, será não sómente o defensor dos seus interesses, mas ainda o seu paladino.

Nobre missão será essa, e para que assim seja de facto, basta que na freguesia haja êsse bom entendimento entre todos os seus habitantes e, que o modesto quinzenário seja o seu intrépido arauto.

Taes são os meus sinceros votos.

B. S.

## G A Z E T I L H A

«Não ha nada como a morte  
P'ra acabar a presumpção,  
Com quatro varas de chita  
E sete palmos de chão.»

(C. antiga popular)

Ao filho da pouca sorte  
Traz o demo de vencida,  
Mas p'ra se pôr termo à vida  
Não ha nada como a morte;  
O Banana, um génio forte,  
Era desta opinião:  
Seu viver, sábia lição  
Foi de sãs filosofias,  
Mas morreu, findou seus dias  
P'ra acabar a presumpção.

Pode um sujeito catita  
De ricos trajes vestir-se,  
Que na morte ha de cobrir-se  
Com quatro varas de chita,  
Pode usar côco e labita,  
Ser rico qual Salomão  
Pode ser Conde Barão,  
Que ha de acabar, merencório,  
Num responso em latinório  
E sete palmos de chão.

— Zé Palo co.

## PARA ONDE CAMINHAMOS?

No numero de 15 do «Diário de Notícias», uma noticia de Niza relata um caso bem vergonhoso passado entre alguns populares, que não tendo bois para realisarem uma tourada, collocaram duas hastes na frente de um dêles, e passaram-no á capa como se fosse de facto um cornúpeto.

O homenzinho, envaidecido com a linda figura que estava fazendo, começou a «amarar» em todos os presentes, de que resultou uma enorme desordem.

Tambem em Beringel, freguesia do concelho de Beja, numa tourada de curiosos, encontrou a morte um pobre trabalhador, que deixa viuva e dois filhinhos.

E acontece isto num paiz que se diz civilizado!

Vergonha das vergonhas!!!

## A "O Comércio da Ajuda"

«O Comércio da Ajuda» está em festa!

Completa hoje o seu primeiro aniversário, êste denodado defensor dos interesses dos paroquianos do Bairro da Ajuda.

Todos os que nêle empregam a sua actividade se encontram, nesta data, choios de alegria.

Rejubilo, assim como rejubilarão todos os que nêle trabalham e colaboram, principalmente o seu illustre Director.

Calculo a alegria que d'vem experimentar nesta data os nossos queridos amigos Silva Coelho e António Aço, ao vêrem que o seu trabalho, á custa de tantos sacrificios e de tantos esforços frutificou.

Do seu programa, anunciado no primeiro número, não se tem afastado nada. Pelo contrario, tem, a nosso vêr seguido o caminho delineado.

O que constituiu uma vitória para o seu director, e um beneficio imenso para a linda freguesia da Ajuda, que se deve sentir honrada com o «seu» quinzenário.

Porta-voz de todas as necessidades da sua freguesia, «O Comércio da Ajuda», que uma vontade ferrea fez aparecer há um ano, continuará, decerto, como até aqui, cumprindo o seu programa.

«O Comércio da Ajuda» ganhou em pouco tempo — o que é difficil de conquistar-se — um bom punhado de francas e leais amigos, que perdurarão através dos tempos.

Vão decorridos 12 mêses. «O Comércio da Ajuda», festeja hoje o seu primeiro aniversário.

Na passagem do seu 1.º aniversário, dia festivo, eu quero, modestamente, gravar a afirmação da minha simpatia por todos os que trabalham dentro de «O Comércio da Ajuda», e exclamar com o entusiasmo da minha mocidade:

— Viva «O Comércio da Ajuda»!

Antonio Cabral Rocha.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA"  
e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente :

ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA  
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

35, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA  
TELEFONE BELEM 56

**Pérola do Cruzeiro**

DE  
JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade  
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto  
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM CÔMPENSAÇÃO

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

**TRANSPORTES DO ALTINHO** A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes  
Fornecedor de materiais de construção  
TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

**Drogaria e Perfumaria**

DE

**ANTONIO MORAIS DOS SANTOS**

Drogas, tintas e vernizes  
Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

**AGENCIA FUNERARIA**

DE

**António Serapião Migueis**

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## Nicolau? Trindade?

O nervosismo e a preocupação de que toda a gente estava possuída no passado domingo, com o regresso dos ciclistas, era de tal forma, que difícil é descrever.

Para qualquer lado para onde me voltasse, outra cousa não ouvia, que não fosse:

Vencedor, é o Nicolau!

Vencedor, é o Trindade!

E era ver de toda a parte, ôsse mar de pessoas que se dirigia para o Estádio do Lumiar, onde a meio da tarde, já não havia um lugar vago.

Em todos os cantos se formavam grupos, que numa discussão apaixonada, apostavam pelos seus ídolos.

O campo do Estádio, mais parecia uma grande esplanada de um manicó-mio enorme, tal a gritaria ensurdecedora e o nervosismo de que a turba estava possuída.

Mas de repente, como que por encanto, toda essa multidão se cala, porque alguém, gritou:

É o Nicolau!

É o Trindade!

Então aquela onda de gente, como que electrizada, gritou, gritou, até enrouquecer, pelo seu favorito, que parecia ser o portador da sua remis são...

Final: Quem ganhou?

Nicolau? Trindade?

Ganhou a especulação feita à custa dum punhado de rapazes, que tanto se sacrificou, talvez até arruinando a saúde, nesse esforço colossal.

Então, afastei-me enojado de tudo aquilo, pensando com tristeza na vida ignorada, anónima, dos grandes sábios,

dos grandes sociólogos, dos grandes beneméritos que tanto lutaram e sofreram pela humanidade e que nunca conseguiram uma apoteose que ao de leve se assemelhasse àquela a que vinha de assistir.

Preguntem à maioria dessa gente ululante, se sabe quem foi, de entre outros, Pasteur, Curie e o grande português Carlos França, que soube firmar tam dignamente o nosso nome no estrangeiro, com a apresentação dos seus valiosos trabalhos científicos.

Quantas vidas salvaram estes grandes homens! Tantas, que é impossível calcular!

E ainda há poucos dias, a grande imprensa, dedicava sómente umas excessas seis linhas, noticiando laconicamente o falecimento do inventor do sôro anti-tetânico.

Com o noticiário da prova ciclista, encheram os jornais, algumas dezenas de colunas!

Alexandre Rosado.

## PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

mas apresentados sem intenção dogmática

DOS MEUS APONTAMENTOS,  
por Alexandre Seltas

Nós somos ás vezes inexatos na apreciação de casos que, mal interpretados, logram uma definição afastada da verdadeira. Assim, pode-se julgar como prudência, reflexão e sensatez o que melhor se deveria classificar de cobardia, hesitação e medo.

■  
A opinião pública é inconsistente nos juízos formados e não toma senão a directriz que lhe apontam. Move-se ao sabôr da influência que lhe é dirigida e com a mesma insensatez que lhe serve para acusar agora, louva irreflectidamente depois.

## Aos nossos leitores

*Não é vergonha a gente confessar  
Que na vida rimou qualquer assunto,  
Embora fôsse em jraço versejar,  
Por não ter bom bestunto.*

*Mas enfim, com excesso de vontade  
Eu mesmo sem talento vou rimando  
Até que venha a ter celebridade  
P'ra depois no mundo a ir gozando  
Já em proveta idade.*

*Ora, sendo eu bastante obstinado,  
Além de ser também um pouco audaz,  
Deu-me satisfação ser convidado  
P'ra ver se era capaz.*

*De numa gazetilha eu vir dizer  
O que tem sido a vida do jornal  
Que tantas simpatias faz me'cer  
E que sendo pequeno é colossal,  
No seu modo de ser.*

*Um grupo de rapazes, bons, leais,  
Todos habitando cá na freguesia,  
Quizeram ter a vida dos jornais  
Criando certo dia*

*Este orgão que mostra á evidência  
De forma bem correcta e decidida  
Que o trabalho expellido com ardência  
Tornam um mito em causa definida,  
Sem sombra de falência.*

*Firmados na conduta que traçaram,  
Não temendo inerentes sacrificios,  
Na árdua tarefa se lançaram  
Tentando benefícios*

*Em prol do povo dêsse bairro nobre,  
Onde ouf' rora viveram titulares  
E onde agora existe gente pobre,  
Mas rica no sossêgo dos seus lares  
Que a probidade cobre.*

*Num ano de trabalho denodado  
Em labuta injente e sem cancelra,  
Mostraram seu fervor desint'ressado  
Na forma sempre ordeira*

*Como sabem tratar qualquer assunto  
Que seja de vantagem para a Ajuda.*

*E com tão bom conjunto  
Eu quasi me convenço que o jornal  
A quem daqui a todos vós saúda  
Há de viver, 'stimado eternamente  
Pelo exito que alcança, magistral!*

Alex. 7 A. A. A.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

**C**OMPLETANDO hoje o primeiro aniversário de «O Comércio da Ajuda», não quero deixar de prestar a minha modesta homenagem, felicitando todos os colegas que trabalhavam dentro deste jornal por verem coroados de êxito os seus esforços.

Este facto deve, por todos os mo-

## UM ANO DE TRABALHO

tivos encher de orgulho não só o seu ilustre Director, como todo o corpo redactorial, administração e propriedade, por verem que a energia e o esforço empregados nestes 12 meses foram por todos os motivos compensados, pelo bom acolhimento por todos que até hoje lhes tem dispensado a sua amizade e reconhecimento.

A forma sempre criteriosa e correcta como tem tratado todos os assuntos, fez com que «O Comércio da Ajuda» marcasse um lugar de destaque dentro da imprensa.

Não posso nem devo neste momento esquecer dois nomes que foram os seus fundadores: os srs. António de Campos Aço e J. A. Silva Coelho,

que enfrentaram tal iniciativa, consciões de um dever a cumprir, pondo sempre acima das paixões mesquinhas, a paixão e o amor que sempre dedicaram á sua freguesia.

O sr. J. A. Silva Coelho dirigiu e muito bem durante os primeiros meses o «O Comércio da Ajuda», tendo-lhe seguido o actual Director, o ilustre jornalista sr. António Gomes Rocha, que, seguindo a mesma conducta, melhorou extraordinariamente o seu jornal.

Um ano de labuta, um ano que dia a dia, mais e mais incitou a proseguir nesta inglória tarefa com aquela vontade de vencer que enobrece.

Dias de glória tiveram os seus Directores, nunca deixando de reforçar o esforço dispendido para o bem e para o engrandecimento da sua freguesia.

Como compensação vò o seu jornal fazer um ano, e nesse ano de luta tem a consciencia do seu trabalho valoroso e honesto.

E se mais não pôde fazer é porque as instancias officiais não poderam satisfazer como desejariam, as reclamações justas e os alvitres apresentados.

Todavia a Ajuda já hoje deve

muito ao «Comércio da Ajuda» e ao seu muito digno Director, a êle se deve a sua brilhante pena artigos admiráveis em que fez levantar do esquecimento uma das mais populosas freguesias da nossa capital.

Lastimo a minha pena ser bastante modesta, não podendo por êste motivo burilar o que sinto; todavia, estas linhas feitas a correr, são a demonstração da minha simpatia e admiração, aproveitando para felicitar na pessoa do meu grande amigo e ilustre colega o sr. António Gomes Rocha, como Director do «Comércio da Ajuda», todos os seus valiosos colaboradores nessa grande obra de jornalismo onde tem sempre revelado uma força herculea dispensando ao seu jornal a mesma honestidade e critério que sempre tem sido a sua vida de official brioso do nosso exército.

Que me perdõe Gomes Rocha esta minha modesta homenagem ás suas bem conhecidas qualidades, mas elas são simplesmente a verdade.

A todo o Corpo Redactorial, Administração, Editor e Propriedade as minhas felicitações e votos para que «O Comércio da Ajuda» chegue a ter cabelos brancos e rosto em pergaminho.

Villar Coelho.

## Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas médicas diárias

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Drs.

Carrilho Xavier

às 10 horas

Medina de Sousa

às 17 horas

Serviço

nocturno ás sextas-feiras

## A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amator e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Enveraisam-se mapas

**Q**UEM por esta época balnear, divagando pelas nossas praias, atente um pouco nessa multidão de creanças, a quem a benemerencia de certos elementos proporcionam a possibilidade terapeutica dos banhos de agua salgada, acompanhados da acção purificadora do Sol, durante o estagio nas praias; e, ainda pelo desenvolvimento fisico que a essas creanças traz a liberdade do local, sente confranger-se-lhe a alma, ao analisar cada uma de per si.

Duma forma geral, essa mocidade em flor está raquitica, deformada ossiamente, num estado de magreza que causa apreensões; verdadeiras características da tuberculose, a ganhar terreno dentro do seu debil corpo, umas vezes por falta de alimentação, outras pelo alcoolismo e sifilismo dos pais, e a maior parte dos casos devido á deficiência de hygiene da habitação.

Rara é a creança bem formada, com boa aparência, com um peito arqueado ou com movimentos, que demonstrem que qualquer coisa de rigido, acionando como mola de aço são a razão da sua execução.

A análise sem ser necessária

grandes conhecimentos tecnicos, dá os seguintes resultados: pernas e braços, perfectas linhas que a epiderme segura, pendentes e sem vigor se acham ligados ao tronco; o rosto esverdinhado, mostra a ausencia duma tez trigueira ou rosada que denote saude; peitos recuados, costas abauladas, contando-se uma por uma as ligações da coluna vertebral.

Assim com uma mocidade atrofiadissima, que homens darão amanhã, as creanças de hoje?

Urge pois que, a par da benemerencia posta em prática, não se descure o estado fisico desses entes, a quem na primeira fase da vida, ainda é possível dar-lhes remédio, preparando-os, revigorando-os para a luta quotidiana da oficina, ou da defesa da Pátria.

Para tal, basta que diariamente sejam sujeitos a uma hora de ginástica sueca, bem aplicada e ministrada por instructor competente, após uma cuidadosa inspecção médica; e, o resultado a obter será decerto satisfatório, quer

na parte humana quer na parte patriótica.

A Ex.<sup>ma</sup> Junta desta freguesia, apesar do muito que tem feito pela mocidade, cumpre mais êste dever, acompanhada pela Escola do Povo e Escola Official, por serem os elementos que maior população de creanças tem

## CUIDEMOS DO FUTURO

a seu cargo, o darem inicio a esta necessidade que se impõe ao Paiz, creando dentro das suas possibilidades, cursos de ginástica e cultura fisica, onde receberão todos aqueles, sem distincção de classes, que queiram aproveitar voluntariamente, tão excelente metodo de fortalecimento, já que nesta terra nada se pode tornar obriogatorio.

Mãos á obra; e, a freguesia d. Ajuda, terá cumprido um sagrado dever de humanidade, em prol deste Portugal alquebrado, mas ainda a tempo de rejuvenescer, senão para maior, pelo menos para melhor.

Peretra Gil.

**T**ODOS os dias de manhã, quando o Agostinho saía de casa, quasi ao fim da travessa estreita e sombria, e de cigarro ao canto da boca, o chapéu deitado para a nuca e o casaco aberto deixando vêr por baixo a blusa azul, se dirigia para a officina onde todos o consideravam um bom e honesto operário, á pequena janella dum primeiro andar de mesquinha aparência assomava uma cabeceira loura, uns olhos azuis fitavam com doce expressão o Agostinho, e uma boca graciosa lhe sorria como só sabem sorrir as donzelas enamoradas.

Ele decerto já contava com aquela aparição, mas limitava-se, ao passar, a tirar as mãos das algibeiras, a dizer-lhe um adeus, acompanhado também de vago sorriso, e caminhando vagarosamente ao longo da travessa, sem se voltar, levava todavia a certeza de que aqueles lindos olhos o seguiam até o verem desaparecer na volta para a outra rua.

Algumas vezes os companheiros, talvez com uma pontinha de despeito, diziam:

— O Agostinho é um rapaz com sorte. Tem a mais bonita rapariga cá do sitio.

Ao que êle replicava:

## Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

## SACRIFICADA

Por ALFREDO GAMEIRO

— Vocês estão muito enganados. Quando éramos pequenos, eu e a Adelina brincámos aí na rua. Até algumas pessoas chegavam a supor que ela era minha irmã. Mas agora...

— Agora o quê? ... Só quem for cego não vê o fatacaz que a pequena tem por ti. Casa-te com ela, homem, que a rapariga é um bom bocado, e não há nada que se lhe dizer.

O Agostinho, ao ouvir discorrer assim os camaradas, passava-lhe nos lábios um sorrisinho de vaidade adulada, mas respondia invariavelmente:

— Tenho lá em casa a volhota. Enquanto ela for viva não penso em casar-me. Para dois custa a chegar... quanto mais para três ou quatro...

— Ou cinco ou seis... — acrescentavam êles com uma gargalhada.

Uma encomenda urgente destinada ao ultramar obrigava os operários na officina a prolongarem o trabalho para além da hora regulamentar.

O Agostinho, acabada a faina do dia, regressava imediatamente a casa, onde a boa velha o aguardava, cuidadosa de ter bem quentinha a ceia e aberta a cama, em que o querido filho se refizesse de tanta canseira.

Mas uma noite, ao sair da officina, o Agostinho deparou com uma figura de mulher que, envolta num casaco comprido e com o rosto quasi completamente occulto por negra mantilha, se lhe colocou em frente embargando-lhe o passo.

Julgando tratar-se apenas de uma dessas criaturas que aproveitam a escuridão da noite para pecaminosas provocações, o rapaz ia a deitar-lhe a mão a um braço, na idea de a afastar, quando uma voz débil, mas que êle julgou reconhecer, lhe disse:

— Agostinho!

E o vulto, afastando a mantilha, deixou ver, á luz dum candeeiro próximo, aqueles olhos de expressão suave;

tão conhecidos do Agostinho, mas que naquele momento uma viveza estranha fazia brilhar singularmente.

O maneio recuou como assombrado, ao reconhecer a Adelina, para cuja presença ali, áquella hora da noite, inutilmente procurava uma justificação.

Depois, mal refeito da surpresa, exclamou:

— Que é isto, Adelina! Que tens tu aqui fazer? A tua mãe deixou-te sair... a estas horas!...? Aconteceu alguma desgraça na tua casa?

— Não.

— E então... para que me procuras?

— Para ir contigo.

— Comigo?...?

O Agostinho julgava estar sonhando. Levantou o chapéu, coçou a cabeça, e depois de um curto silêncio, repetiu a pergunta:

— Comigo?...? E para onde?

— Para onde tu quizers — respondeu ela pausadamente e com a firmeza que denotava uma resolução inabalável.

— Mas isso é impossível! Endoideceste, decerto!

— Nunca tive tanto juízo, acredita

E êle, na vaga incompreensão do que se passava, mas no desejo de fazê-la entrar na razão, dizia-lhe com doçura:

— Ora vamos, Adelina. Bem deves compreender que estás dando um mau passo. O que dirá tua mãe...

— Proibto-te que me fables dela.

E ao ver que êle hesitava, titubeante e sem encontrar palavras para a convencer, exclamou, tomada duma súbita exaltação:

— Mas que singular homem és tu, que repudias o oferecimento duma mulher que tantos... tantos homens desejam! — E acrescentou em doloroso azedume: — E até não hesitarias em pagar por bom preço!

E depois, cingindo-o de ternura:

— Agostinho, sou eu que te peço. Em nome da nossa amizade de crianças. Gosto-te que a recusa da tua parte será a minha morte. Escolhe.

E mais e mais o aperta contra si. Ele, estonteado, o espirito perdido em mil conjecturas, sem já saber o que sentia, o que ouvia, o que passava, deixava-se enlevar por

ela; e, de róstos quasi unidos, os dois caminharam como ao acaso, falando baixo, quasi em segredo.

Nessa noite a ceia requentou-se, porque eram 6 horas da manhã quando, com grande espanto e susto da pobre velha, o Agostinho entrou em casa.

Passaram-se alguns dias.

O Agostinho pedira dispensa dos serões, e agora, mal acabava de jantar, saía de casa apressadamente, para só voltar a horas mortas, o que levava a mãe a ter constantemente acêsa a lamparina no oratório, e a dizer muitas vezes por entre lágrimas:

— Pobre filho! Nossa Senhora o guarde!

Certa noite, como nas anteriores, o rapaz dirigiu-se para uma rua afastada e escura, e, subindo os degraus carunchosos e desconjuntados que conduziam ao 3.<sup>o</sup> andar de uma casa de pobre aspecto, bateu na porta duas pancadas discretas.

Uma velha de rosto encarquilhado, os cabelos grisalhos em desordem, o vestuário mal cuidado, appareceu no limiar. Ao vê-lo fez um esgare de indecifrável significação, e disse na sua voz roufenha, deixando vêr o único dente que na boca lhe restava:

— Ah! é o senhor!... A Adelina saiu.

— Para onde? — perguntou o Agostinho surpreendido.

— Sei lá!... Não costume perguntar ás minhas hospedas para onde vão.

— E não disse quando voltava?

— Não disse — respondeu a velha.

E acrescentou, fitando-o, como se pretendesse adivinhar o effeito das suas palavras:

— Esteve aí uma mulher... creio que é a mãe... e depois lá se foram as duas.

O Agostinho ficou pensativo e encaminhou-se para o quarto que ali tinha alugado, dizendo apenas:

— Bem. Esperarei.

Sem compreender a razão daquela ausência, sentou-se sensivelmente enervado, e, ao fim de duas horas, impaciente e inquieto, desatou a fumar cigarros sobre cigarros.

Mas por fim a reflexão veio e com ela o espirito se foi acalmando pouco a pouco.

A Adelina saíra muito por sua vontade. Se não voltava é porque não queria... e êle não se sentia no direito de protestar.

Bateu a meia noite. Acendeu mais um cigarro e desceu a escada. Ao chegar á rua o ar fresco da noite fez-lhe bem. Serenou... e, a caminho de casa, ia trauteando um estribilho em voga, uma canção popular em que se trata com desdém o amor das mulheres, á semelhança daquelle — *La donna è mobile* — em que o immortal Verdi pôs toda a graciosidade do seu divino estro.

No dia seguinte notou que as janelas da casa onde habitara a Adelina estavam inteiramente cerradas; e, procurando informar-se, disseram-lhe que mãe e filha haviam desaparecido sem que se soubesse para onde.

Alguns meses depois o Agostinho gosava o descanso dum domingo, passando para os lados das Avenidas Novas, quando junto d'êle passou um automóvel de preço conduzindo uma dama luxuosamente vestida.

Não foi, porém, tão rápida a passagem que êle não reconhecesse nessa mulher a Adelina, e despeito das sédas que a envolviam, da enorme raposa que ostentava

(Conclue na página 7)

## Nova Padaria Taboense

DE ANTONÍO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128  
AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

## Casa do Povo da Ajuda

DE  
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE  
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas  
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda, e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

## VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços rascaveis

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico—JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Quimico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde  
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO SIEA — Quintas-feiras ás 10 horas

— Serviço nocturno ás quartas-feiras —

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA—Telefone B. 456

## Manoel António Rodrigues

COM

## VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa  
LICORES E TABACOS

## ATENÇÃO!

**FATOS** fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na oficina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR.

(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.<sup>o</sup>, D.

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros .... Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A - R. das Mercês, 121

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117      Calçada da Ajuda, 212 a 216  
R. da Junqueira, 293-B a 293-D      Calçada da Ajuda, 154 a 156  
Calçada da Tapada, 47 a 53      Largo 20 de Abril Calvário, 1

## AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência

## MERCERIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA

Nesta casa também se vendem os famosos VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

## SACRIFICADA

(Continuado da página 5)

ao pescoço, e do elegante chapéu que mal lhe encobria os louros cabelos.

Ela também o viu, e, num gesto rápido, deu ordem ao *chauffeur* para que parasse o carro.

Desejaria o Agostinho prosseguir no caminho que levava, furtando-se a explicações, mas ela não lhe deu tempo, e, mandando aproximar d'êlo o automóvel, disse-lhe em tom breve e nervoso:

— Sobe.

Em vez de obedecer, o Agostinho objectou:

— O' filha, ¿ não receias que te amarrote a toilette? Pelo que vejo estás na alta.

— Sobe, peço-te.

— Já uma vez me pediste qualquer coisa... — E depois dum silêncio: — ¿ Não querás agora que eu suba... para depois me deitares do carro abaixo?

No rosto da Adelina desenhou-se uma contracção de fundo desgosto ao ouvir a transparente alusão ao passado; mas, ao gesto de súplica que ela esboçou, o Agostinho não pôde conservar-se indiferente, e subiu.

Ao lado dela, sem a fitar, deixou-se ficar silencioso.

Foi a Adelina que afinal cortou esse silêncio:

— ¿ Não tens nada que perguntar-me?

— Não. A tua história não me interessa. Deve ser igual á de tantas outras que por aí andam.

Havia nestas palavras a cruel intenção de magoá-la, mas, sem azedume, ela replicou:

— Perdão-te a injúria.

E depois, com mal reprimida exaltação:

— Mas sinto tentações de te chamar imbecil!

— ¿ Pode saber-se porquê?

— Porque essa historia em que há capítulos de miséria, de fome, de abnegação, de sacrificio, de paixão, essa historia não soubeste tu lê-la, quando te entreguei tudo quanto no meu corpo havia de pureza, toda a ternura que me transbordava do coração, todo o sentimento delicado que no íntimo da minha alma existia. Não soubeste compreender que, se me lançava bruscamente nos teus braços, era para te dar a ti... só a ti — único ideal da minha juventude — aquilo que de maneira alguma consentiria que fosse gozado pelo homem a quem minha mãe tinha prometido vender-me.

— Miserável! — rugiu êle num assomo de indignação.

— Não a acuses. Ela tinha fome... nós tínhamos fome. O dono da loja para onde trabalhávamos dizia não ter que nos dar a fazer... mas propôs-lhe o infame contrato. Velha, doente, crivada de dívidas, o espírito enfraquecido pelas privações e pela idade, julgou estar aí a salvação. Ao vê-la sofrer, escasseava-me a coragem para recusar. Só no grande amor que por ti sentia achava forças para resistir... e fiz o que sabes. Estava disposta a tudo sacrificar por esse amor...

— E então?

— Então — continuou a Adelina em voz dolorida — ao fim de alguns dias compreendi que a paixão que me dominava não conse-

guia aquecer o teu coração. Eras bom, dedicado... mas indiferente a êste grande amor que podia ter-me salvo da ignomínia... se tivesse encontrado eco na tua alma.

Duas lágrimas se desprenderam dos olhos formosos da pobre rapariga, que concluiu:

— Assim, não podendo ser feliz contigo, optei pela desgraçada, a quem tudo perdoei. Afinal... sempre era minha mãe!

Profundamente impressionado, o Agostinho tomou-lhe as mãos, que apertou, balbuciando a custo:

— E agora?...

— Sigo o meu destino... tu segues o teu.

E abrindo a portinhola do automóvel:

— Perdoa-me o tempo que te tomei...

mas precisava desabafar. Adeus.

Ele não encontrou palavras para responder, e descendo, apenas pôde pronunciar, trémulo de comocção:

— Adeus!

O automóvel partiu, e o Agostinho ficou como pregado no solo, a vê-lo desaparecer ao longe, entre a poeira das avenidas, como entre o pó das ilusões desfeitas se haviam sumido as esperanças e os sonhos daquela mulher que tanto o amara!

## Interessante festa

No passado domingo realizou-se uma interessante festa na Sociedade Filarmonica Alunos Esperança, com sede em Alcantara. Tratava-se de uma sessão solene e «soirée» dedicada ao nosso colega «A Voz de Alcantara». O nosso modesto jornal, amavelmente convidado, fez-se representar pelo seu director, que, por convite do illustre presidente daquela colectividade, tomou a presidencia da mesa, secretariado pelos representantes d'«A Voz de Alcantara» e da Troupe Musical «Sempre Fixe».

A festa decorreu com grande brilhantismo, tendo feito uma interessante preleção o nosso camarada Antonio Cabral Rocha, director d'«A Voz de Alcantara». Falaram ainda os srs. Antonio da Piedade Simplicio, representante da Troupe «Sempre Fixe», Manuel Francisco Ferreira, presidente da S. F. A. E. e o nosso director, que, em nome de «O Comercio da Ajuda» agradeceu a honra dispensada ao mesmo, e saudou no povo de Alcantara, o povo trabalhador e patriota de Portugal.

Terminada a sessão solene houve baile, dançando-se animadamente até madrugada.

## PALAVRAS JUSTAS

O quinzenário «O Comércio da Ajuda», apesar da sua modesta organização, tem-se imposto nobremente entre os seus inumeros leitores, não apenas como um esplêndido jornalzinho bairrista, de bem elaborada contestura gráfica, mas principalmente por ser considerado com justiça um estrênuo baluarte, mantido com admiravel directriz e consciência para a defeza e criação de beneficios promovidos em prol dos habitantes dêsse importante e desenvolvido bairro da capital.

Langado á publicidade numa época em que a pavorosa crise económica que assoberba o mundo inteiro também se reflecte neste abençoado rincão pátrio, veio assim evidenciar a negação egoista dos seus organizadores e dirigentes que, desprezando interesses próprios, criando improficuas labutas e demovendo estóicamente dificuldades de ordem material, collocaram acima de todos êstes atriectos, unicamente o bem estar dos seus concidadãos, pugnano com veemência pelos interesses locais da freguezia da Ajuda. Sobejamente o tem demonstrado nas suas colunas de pequenino mas enérgico jornal, dignificado por um alevantado brio, persistência e correcção que muito o caracterizam e distinguem e pelos processos convincentes de solicitar dos devidos poderes officiaes os atendiveis fins de beneficio geral que vai impetrando e que traduzem fielmente as aspirações indiviziveis do povo dêsse laborioso bairro.

Como característica feição muito honrosa para os seus componentes, é dever salientar que, a despeito de estar sujeito á reacção prevista em organismos similares, nunca em seu texto se occupou de assuntos irritantes; ou fez insidiosas criticas ou apreciações áridas de casos e factos onde cosecovelheiros, heróis verrinosos, podessem deliciar-se em estultos comentários, para desgosto dos sãois critérios que se lhes opõe.

Quem publicamente fica exposto ás vaias e recriminações de tais mentalidades, se a elas não pode eximir-se tem pelo menos o fácil recurso de lhes dispensar uma natural indiferença o que os subjuga e atrofia.

Não sei se por excepcional circunstância — a que poderei chamar esporádica — o «O Comércio da Ajuda» fica ao abrigo dêsse censors que criticam, deprimem e argumentam sem verdadeira convicção, mas o que muito me apraz registar é que, acolhido desde o seu início com absoluta simpatia, tanto pelos seus amáveis leitores como também pelos excellentissimos annunciantes, tem durante o seu primeiro ano, agora decorrido, vindo a radicar no ánimo de todos, êsse âmbito de carinhoso acolhimento que foi — digamos — a força moral indispensável para o prosseguimento indefectivel da cruzada a que se impoz: o beneficio dos habitantes da velha e fidalga freguesia da Ajuda.

Alexandre Settas.

# Salão Portugal

CINEMA SONORO

Empresário J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória - Ajuda

TELEFONE BELEM 124

**Sábado 17** às 21,30 h. **Domingo 18**

Exibição do excelente filme sonoro e falado

## O TENENTE DO AMOR

com DOLLY HAAS e GUSTAV FROELICH

**PAT E PATACHON MUSICOS**

**NO DOMINGO: Matinée** às 2,30 h. da tarde

com os excelentes filmes

**Cavaleiro sem Pavor-Pat e Patachon Musicos-Escravos do Ideal**

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

A casa e tem sempre mais público, por só ter bons programas

Dias 19 e 20: **FANTOMAS**

Dia 24 | **A VERTIGEM DO OURO. SEJAMOS ALEGRES e MARIDOS BOEMIOS**

Dia 25: **O DIABO BRANCO e A VALSA DO AMOR**

Dia 26: **A CULPA É DO BIBI e outros filmes**

Dia 27 | **A MULHER DUMA NOITE TARZAN ENTRE FERAS**

Dias 1 e 2 | **ROMANCE DO RIO GRANDE O PRINCIPE QUE NUNCA AMOU**

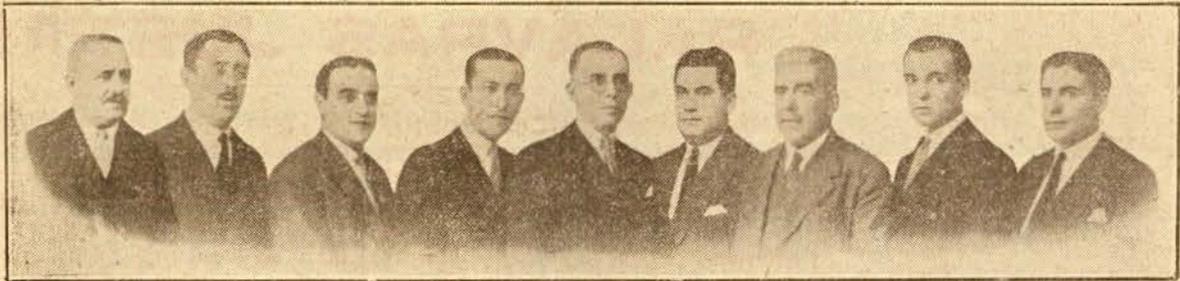
A SEGUIR — As ultimas super-produções de grande successo

**A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa**

# DIA DE FESTA

*O nosso modesto jornal, que hoje veste as suas melhores galas, publica em grupo as fotografias de quasi todos os seus colaboradores.*

*Por motivos de força maior, e que muito nos penalisa, não nos foi possível agregar a esse grupo os nossos ilustres e distintos colaboradores srs. Coronel Bivar de Sousa, Agostinho Antonio, Dr. Medina de Sousa e José Martins, não esquecendo os srs. Drs. Virgilio Paula e Carrilho Xavier, a quem «O Comércio da Ajuda» deve grandes e muito apreciáveis serviços.*



Da esquerda para a direita — Francisco Duarte Resina, Viriato Pedro Antunes da Silva, Alexandre Settas, António de Campos Aço, António Gomes Rocha, J. A. Silva Coelho, Alfredo Gameiro, Hipólito Manuel da Conceição e Alexandre Rosado

*«O Comércio da Ajuda» neste dia tão solene para elle, saúda enternecida e comovidamente todos os habitantes desta freguesia, os seus ilustres e queridos colaboradores, anunciantes e amigos, englobando nessa saudação que é sincera e muito espontanea, todos os seus colegas nesta nobre luta da imprensa.*

## RECEPTACULOS DE CORRESPONDENCIA

Sób este titulo publicámos no n.º 18 do nosso quinzenário, de 28 de Maio, um pedido para que o marco postal que estava mal colocado entre os quarteis de infantaria 1 e cavalaria 2, fosse mudado para a esquina da Travessa da Boa Hora (onde já esteve), ou da Travessa de Paulo Martins, por ser hoje, ali, o centro da população.

Esse marco não pode ser ali colocado por outros entenderem que ficava melhor n'outro local, mas a Ex.ª Administração Geral dos Correios e Telegrafos, achou tanta razão ao nosso pedido que mandou colocar a caixa postal, 1-B, em frente da Travessa da Boa-Hora, onde também fica bem. Pena é que não haja marcos em abundância, e sejam tão caros, porque são os receptaculos mais próprios d'uma cidade e d'uma artéria tão larga como é a Calçada da Ajuda.

Mas, estamos satisfeitos; este local ficou bem servido. Assim. sim.

Agora agradecemos também que seja atendido o nosso pedido de colocação d'um marco postal (logo que haja) na Rua do Cruzeiro, em frente da Travessa de João Alves, onde é muito conveniente pelos motivos que expuzemos no mesmo numero e ainda porque fica próximo do posto de correio n.º 26.

Fresina.

## D. Joaquina da Conceição Cardoso

Faleceu hontem, tendo-se efectuado hoje o funeral com numeroso acompanhamento, a Ex.ª Sr.ª D. Joaquina da Conceição Cardoso, sogra dos srs. Artur Ayres Martins e Domingos da Silva Torrado, e avó dos nossos amigos Carlos Ayres Martins e Manuel Ayres Martins.

A' familia enlutada apresenta «O Comércio da Ajuda» a expressão do seu pesar.

## Grafica Ajudense

TIPOGRAFIA

PAPELARIA

com secções de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. B. 329